

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

CLAUDIANE DE JESUS RODRIGUES

**A SEXUALIDADE DAS MULHERES QUE SOFRERAM ABUSO
SEXUAL NA INFÂNCIA: uma revisão narrativa de literatura**

Juína - MT

2019

**AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

CLAUDIANE DE JESUS RODRIGUES

**A SEXUALIDADE DAS MULHERES QUE SOFRERAM ABUSO
SEXUAL NA INFÂNCIA: uma revisão narrativa de literatura**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Psicologia, da AJES - Faculdade do Vale do Juruena, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob a orientação da Profa. Me. Amanda Grazielle Aguiar Videira.

Juína - MT

2019

AJES - FACULDADE DO VALE DO JURUENA

BACHARELADO EM PSICOLOGIA

RODRIGUES, Claudiane de Jesus. **A SEXUALIDADE DAS MULHERES QUE SOFRERAM ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA**: uma revisão narrativa de literatura. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) AJES – Faculdade do Vale do Juruena, Juína-MT, 2019.

Data da defesa: 05/06/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Me. Amanda Graziele Aguiar Videira.

AJES.

Presidente da Banca: Dra. Marileide Antunes de Oliveira

AJES.

Membro Titular: Esp. Dalila Mateus Gonçalves

AJES.

Membro Titular: Esp. Josimara Diolina Ferreira

AJES.

Local: Associação Juinense de Ensino Superior

AJES: Faculdade do Vale do Juruena

AJES: Unidade Sede, Juína-MT

DECLARAÇÃO DE AUTOR

Eu, Claudiane de Jesus Rodrigues, portadora da Cédula de Identidade- RG nº2336980-6 SSP/MT, e inscrita no Cadastro de Pessoas físicas do Ministério da Fazenda – CPF sob nº 043 389 741 41, DECLARO e AUTORIZO, para fins de pesquisa acadêmica, didática ou técnico-científica, que este Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “***A Sexualidade Das Mulheres Que Sofreram Abuso Sexual Na Infância: Uma Revisão Narrativa De Literatura***” pode ser parcialmente utilizada, desde que se faça referência à fonte e ao autor.

Autorizo ainda a sua publicação pela AJES, ou por quem dela receber a delegação, desde que também seja feita à fonte ao autor.

Juína, 17de junho, 2019.

Claudiane de Jesus Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me proporcionar a oportunidade de conhecer esse trabalho lindo e enriquecedor que é a Psicologia, agradeço minha Mãe, Diva Nicolau, por estar sempre ao meu lado me apoiando e incentivando com suas palavras de fé que me deram força em todos os momentos em que pensei em desistir, agradeço ao meu filho Helton Djonathan por entender a minha ausência, nas reuniões da escola, nos dias mães e em outros momentos em que eu não pude estar presente, gratidão é tudo que tenho por vocês e quero que saibam que essa conquista é nossa.

Ainda agradecendo as pessoas que eu amo não poderia faltar você Leandro Cesar, muito obrigado por ser meu amigo, companheiro, parceiro em todos os momentos, e por estar sempre me apoiando, incentivando, e por dividir comigo todos os momentos de preocupação, me acalmando com suas sábias palavras, obrigada mesmo.

Agradeço a minha orientadora Me. Amanda Grazielle Aguiar Videira, por ter me aceito como sua orientanda e por ter me auxiliado em todas as dificuldades encontradas ao longo do percurso contribuindo com a sua experiência para o meu conhecimento.

Agradeço aos meus amigos Maycon Douglas, e Andressa Warmeling por dividir comigo, as prazerosas tardes e noites de estudos, sempre um apoiando e incentivando ao outro nos momentos difíceis. Quero agradecer também as amigas Jéssica Naiara, e Jaqueline Sousa por estar sempre ao meu lado dando apoio, e me auxiliando nas dificuldades encontradas, meu obrigado vocês são os presentes que quero levar da faculdade para a vida.

E por fim eu não poderia deixar de agradecer a você querida Chayene que mesmo não sendo mais a minha professora me auxiliou sempre nas dificuldades encontradas ao longo deste percurso, muito obrigada por ter olhado para mim no momento em que eu mais precisava, obrigada mesmo você me inspira.

EPÍGRAFE

*“Embora ninguém possa
voltar atrás e fazer um
novo começo, qualquer
um pode começar
agora e fazer um novo
fim”.*

(Chico Xavier)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi verificar as consequências que o abuso sexual infantil traz em relação a sexualidade das mulheres na vida adulta, observando os principais sentimentos das vítimas em relação ao ato sexual, e verificar as intervenções psicológicas trabalhada no tratamento das consequências oriundas do abuso sexual na infância com as mulheres vítimas do tal ato. Para isso realizou-se uma revisão de literatura nas seguintes bases de dados; Scielo, Pepsic, e Google Acadêmico, com o foco de localizar publicações sobre o tema sem delimitação de tempo abrangendo os idiomas em português espanhol e inglês. A partir disso foram encontrados estudos em que as discussões centrais se deram em torno do abuso sexual sofrido na infância com relação a sexualidade das mulheres na vida adulta, trazendo dados que demonstram os desfechos deixados pelo abuso em diferentes instâncias, como o psicológico, biológico, físico, comportamental e social. Diante dos materiais encontrados sobre a temática deste trabalho foi possível observar a escassez de trabalhos que correlacionasse o abuso sexual na infância com a sexualidade na vida adulta. Sobre a aplicabilidades de técnicas psicoterapêuticas as mais apresentadas nos estudos foi a Terapia Cognitivo Comportamental e a Psicanálise por ser técnicas eficaz no tratamento de curto e longo prazo.

Palavras-Chave: Abuso sexual; Mulheres; Sexualidade; Traumas; Infância

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue verificar las consecuencias que el abuso sexual infantil trae en relación a la sexualidad de las mujeres en la vida adulta, observando los principales sentimientos de las víctimas en relación al acto sexual, y verificar las intervenciones psicológicas llevadas a cabo en el tratamiento de las consecuencias derivadas de abuso sexual en la infancia con las mujeres víctimas de tal acto. Para ello se realizó una revisión de literatura en las siguientes bases de datos; Scielo, PsycInfo, y Google Scholar, con el enfoque para encontrar publicaciones sobre el tema, sin límites de tiempo que cubran los idiomas inglés y español portugués. A partir de ello se encontraron estudios en los que las discusiones centrales se centran en torno al abuso sexual sufrido en la infancia con relación a la sexualidad de las mujeres en la vida adulta, trayendo datos que demuestran los resultados obtenidos por el abuso en diferentes instancias, como el psicológico, biológico, físico, conducta y social. Ante los materiales encontrados sobre la temática de este trabajo fue posible observar la escasez de trabajos que correlacionaran el abuso sexual en la infancia con la sexualidad en la vida adulta. Sobre las aplicaciones de técnicas psicoterapéuticas las más presentadas en los estudios fueron la Terapia Cognitiva Conductual y el Psicoanálisis por ser técnicas eficaces en el tratamiento a corto y largo plazo.

Palabras clave: Abuso sexual; Mujeres; Sexualidad; Traumas; Infancia

LISTA DE SIGLAS

ASI	Abuso Sexual Infantil
BVS	Biblioteca virtual de saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
LILACS	Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PePSIC	Periódicos Eletrônicos em Psicologia
SCIELO	Científica Eletronic Libray Online
DSM-V	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sequelas psicológicas em mulheres adultas vítimas de abuso sexual na infância.....	27
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JUSTIFICATIVA	14
2 OBJETIVO GERAL	15
2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 METODOLOGIA	16
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	16
3.2 COLETA DOS DADOS	16
3.3 CRITÉRIOS DA BUSCA	17
3.3.1 Critérios de Inclusão	17
3.3.2 Critérios de Exclusão	17
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	17
4 REVISÃO DE LITERATURA	19
4.1 CONTEXTO GERAL DE VIOLÊNCIA	19
4.2 ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA).....	20
4.3 O ABUSO SEXUAL INFANTIL.....	22
4.4 DADOS SOBRE O ABUSO SEXUAL.....	24
4.5 SEXUALIDADE DAS MULHERES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA.....	25
5 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COM AS MULHERES ADULTAS VÍTIMAS DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA	29
6 DISCUSSÃO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa buscou realizar, através de uma revisão de literatura, os estudos desenvolvidos sobre o tema: a sexualidade das mulheres adultas que sofreram abuso sexual na infância. Este trabalho buscou também caracterizar como as consequências do abuso sexual na infância refletem na sexualidade das mulheres. Para entender melhor este contexto, serão abordados os seguintes temas: o contexto geral de violência, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), dados sobre o abuso sexual e a sexualidade das mulheres adultas vítimas do abuso sexual na infância.

O abuso sexual infantil é definido como, ato sexual entre uma criança e uma pessoa adulta ou mais velha que venha excitar ou induzir a criança a praticar atos que envolvem pornografias e estímulos sexuais, tendo ou não penetrações, ou seja, é considerado um ato abusivo sexualmente contra a criança qualquer conteúdo que o envolva em situações inapropriadas (HABIGZANG, et al. 2004). Este ato, pode ocorrer através de toques de pessoas de ambos os sexos, no qual, não há o consentimento e o entendimento da criança, que entende a situação como um ato de carinho, por não saber discernir que está sendo violentada (HUH, 2011).

Para assegurar que toda criança e adolescente tenha o direito de viver plenamente com condições dignas na sociedade, foi criada a lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que surgiu no ano de 1990, tendo como principal objetivo a garantia dos direitos perante as situações de violência, negligência e exploração (ECA,1990). Lei esta, que tem como propósito, levar para os indivíduos segurança, dignidade e a preparação da transição da adolescência para fase adulta, facilitando assim o seu bom desenvolvimento e convívio com a sociedade, permitindo aos mesmos que tome nota dos seus direitos (ECA,1990).

O conceito de violência é algo que surgiu na história antiga ainda na idade média, sendo considerada algo inato do ser humano. Por ser um impulso natural exclusivo do homem, que ao contrário dos animais, podem até ser agressivos, devido ao seu instinto de defesa, porém ele não age por violência. A violência, é toda iniciativa que procura exercer a coação sobre a liberdade de alguém, ou seja, quando um indivíduo tenta se sobressair ao poder do outro, ademais, este ato pode se dar por meio de violência física, psicológica, sexual, dentre outros (SZINIK, 2001).

No que diz respeito sobre a violência, diferentes contextos podem interferir em tal aspecto sobre a infância, sendo denominado como qualquer tipo de situação que coloque a criança em de risco, opressão ou crueldade, resumindo todo e qualquer tipo de negligência. Este ato, quando ocorrido na infância, é algo preocupante, devido as consequências que podem trazer ao longo do processo da fase de transição de infância para adolescência e que pode se estender até a fase adulta (HABIGZANG, CAMINHA, 2008).

A violência está presente em qualquer cultura e sociedade, é um fenômeno milenar, em alguns casos legitimada e naturalizada. No caso de crianças e adolescentes, este ato, muitas vezes, acontece dentro do próprio ambiente familiar, mas também no extrafamiliar, qualquer um dos dois casos, trata-se da violação dos direitos sociais básicos, na qual a vítima é submetida a todos os tipos de relação interpessoal, seja física, sexual ou psicológica. Em cada tipo de caso são apresentados sintomas e consequências, para isso, critérios normativos foram criados na tentativa de apreender, teórica e historicamente, como ela se materializa na sociedade (RODRIGUES; ROCHA, 2009).

Estudos sobre a violência contra criança trazem que este ato acontece há muito tempo, porém, o assunto só ganhou espaço com a criação da lei do ECA, de treze de julho 1990. Antes, a violência infantil era considerada um problema apenas das esferas privadas, com o passar do tempo isso foi mudando e a violência infantil passou a ser vista como um problema de desordem pública, o que fez com que as esferas privadas tivessem um olhar mais voltado para a sociedade, adaptando diferentes instituições com a equipe de multiprofissionais para atender as possíveis demandas sobre qualquer tipo de violência contra criança.

Em relação a sexualidade das mulheres adultas vítimas do abuso na infância, o funcionamento sexual baseia-se na capacidade de como o ser humano responde a experiência e o ato sexual a partir dos desejos e fantasias sexuais, que estimulam na hora do prazer, os orgasmos e a lubrificação. Além disso, existem diferentes aspectos que influenciam os fatores sexuais, como biológicos, socioculturais e psicológicos. Ademais, dentro destes exemplos, os aspectos podem estar relacionados a idade, a presença de um parceiro fixo, ao funcionamento sexual, ao relacionamento e ao período de duração (KRINDGEV et al 2016).

Em relação as contribuições da Psicologia dentre as abordagens utilizadas para atenderem essas mulheres, a Terapia Cognitivo Comportamental e a Psicanálise são vistas como as mais utilizadas, uma vez que ambas atuam nas consequências de curto e longo prazo, causadas pelo abuso e, neste sentido, restabelecendo a saúde psicológica e física da paciente (SÁ et al, 2016).

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo, descrever, através de uma revisão narrativa de literatura, as principais consequências que o abuso sexual traz para a vida das mulheres na fase adulta e identificar os sentimentos que mais emergem na vida das vítimas desta violência. Neste sentido, objetiva-se fazer uma correlação sobre a influência destes sentimentos com o ato sexual.

Para melhor entender a temática desta pesquisa, na primeira etapa foram descritos a justificativa, o objetivo geral, os objetivos específicos, a metodologia abordada, apresentando todos os passos da pesquisa como: os critérios de inclusão e exclusão, que foram utilizados como métodos de seleção. A etapa seguinte é composta pela revisão de literatura que conceituou os temas descritos acima. Por fim, na última etapa, foram descritos os resultados e as discussões finais com propósito de responder a temática levantada neste estudo.

1 JUSTIFICATIVA

O abuso sexual ocorrido na infância, assim como em outras fases, traz para a vida das vítimas algum tipo de desfecho que pode se estender até a fase adulta, considerando o fato de que, cada pessoa tem à sua maneira de expressar diante da experiência da violência sexual e, como o ato afeta sua vida seja social, emocional ou psicológica. Neste contexto, se nota a relevância das pesquisas, tanto para a área da saúde no geral, quanto para os profissionais da Psicologia, que através de novos estudos, podem estar sempre atualizando as suas estratégias de atendimento, para trabalhar com cada vítima na sua subjetividade.

Segundo Koller e Hanbigzang (2011), pesquisar sobre o abuso sexual em vítimas adultas que sofreram tal violência na infância, auxilia no processo de novos estudos, uma vez que, na literatura, encontram-se diversos materiais sobre o tema, no entanto o foco das pesquisas são sempre delimitados na fase em que aconteceu a violência, de forma que, tornem-se escassos os estudos que abordem a consequência do abuso na infância e como elas refletem na fase adulta.

A complexidade do abuso sexual infantil e suas potenciais implicações no ciclo vital, indicam a necessidade de investigação científica, desenvolvendo novas pesquisas para verificar e compreender as relações entre o abuso sexual na infância e o comportamento sexual na idade adulta, contribuindo para o desenvolvimento de intervenções psicoterapêuticas eficazes. Ademais, notam-se, a carência de estudos com mulheres vítimas dessa forma de abuso, bem como de protocolos efetivos de tratamento (KRINDGEV et al., 2016).

2 OBJETIVO GERAL

Identificar as evidências qualitativas sobre a sexualidade das mulheres adultas que sofreram abuso sexual na infância.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Retratar as intervenções utilizadas pelo psicólogo no tratamento das consequências psicológicas oriundas do abuso sexual na infância.

3 METODOLOGIA

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A revisão de literatura é o processo de uma busca crítica, dos materiais na íntegra, já publicados, sendo feita uma seleção detalhada, com o objetivo de analisar o conteúdo da pesquisa, de acordo com o tema abordado. A revisão, assim como outros estudos científicos, é uma fonte de pesquisa que utiliza dados tanto eletrônicos quanto bibliográficos para obter resultados de informações descritas por outros autores, com intuito de fundamentar teoricamente o tema da pesquisa proposta (KOLLER, 2014).

A revisão de literatura, que também é denominada revisão bibliográfica, consiste em duas etapas: (1) a primeira é coleta dos materiais para a contextualização do problema e a (2) segunda a análise da literatura encontrada para a construção do referencial teórico. Após estes processos, os quais são feitos com os dados bibliográficos levantados, de acordo com as fontes científicas como, artigos, livros online ou impressos, considerando os padrões dos critérios de inclusão, começa a se desenvolver a contextualização da revisão de literatura que será base da pesquisa dentro da fundamentação teórica (ROMANOWSKI; VOSGERAU, 2014).

Esta revisão de literatura é denominada revisão narrativa, por ser uma pesquisa ampla que descreve o assunto agora, sob um ponto de vista teórico ou contextual. Nas revisões narrativas, os métodos constituem basicamente de análise de literatura publicadas em livros impressos, artigos, revistas impressas ou eletrônicas ou, da interpretação e da análise crítica e pessoal do autor. O que diferencia a revisão narrativa da revisão sistemática, é a maneira como a pesquisa é descrita, visto que, na sistemática, os textos são considerados originais por utilizarem estudos sobre um determinado tema e segue-se um rigor metodológico qualitativo e quantitativo, já a revisão narrativa, tem os textos divididos por seções pelo autor em títulos e subtítulos de acordo com o tema (ROTHER, 2017).

3.2 COLETA DOS DADOS

Para esta revisão, as buscas foram feitas através da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), portal online que dá acesso aos seguintes bancos e dados científicos como: SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana em

Ciências da Saúde), e PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia). As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: estratégias psicológicas, vivência, abuso sexual e emoções.

3.3 CRITÉRIOS DA BUSCA

3.3.1 Critérios de Inclusão

- Artigos que relatam sobre a sexualidade de mulheres abusadas sexualmente durante a infância;
- Artigos que descrevem sobre as intervenções psicoterápicas no atendimento das vítimas adultas da violência sexual na infância;
- Idiomas em português, inglês e espanhol;
- Sem delimitação de tempo;
- Relatos de casos.

3.3.2 Critérios de Exclusão

- Teses
- Monografias
- Artigos indisponíveis na íntegra
- Artigos duplicados

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A busca desta pesquisa realizou as seguintes fases: na primeira foi realizada a seleção do tema e a problemática: Quais as principais evidências publicadas na literatura sobre mulheres que sofreram abuso sexual na infância e a relação com a sexualidade na vida adulta?; A fase seguinte foi realização das pesquisas, em sites acadêmicos para a elaboração da fundamentação teórica, para tanto, foram buscadas no DeCS (Descritores em Ciências da saúde), os descritores que auxiliassem as buscas, os quais consistem em um vocabulário estruturado, disponíveis nos idiomas: português, inglês e espanhol, para sistematizar de maneira eficiente a classificação de periódicos científicos, além de ajudar na pesquisa e recuperação de temas da literatura disponível na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS).

Foi utilizado o booleano conector “AND”, o qualificador PX, permitidos em português, bem como os filtros escolhidos para facilitar a busca dos artigos: Textos completos em Português, Espanhol e Inglês. Para a seleção dos artigos foi feita uma análise de acordo com os critérios de inclusão. Os artigos selecionados correspondem as palavras-chave: Abuso sexual, mulheres, sexualidade, traumas, infância

A primeira fase as buscas foram feitas nas revistas online da BVS, *Scielo*, *lilacs*, e *Google Scholar*, fazendo uma combinação entre os descritores e as palavras-chave encontradas. Em seguida, foi feita uma leitura dos trabalhos que tinha uma relação com o tema e, por fim, foram selecionados os materiais que correspondiam com a discussão central: “quais os principais sentimentos de mulheres adultas que sofreram abuso sexual na infância e as intervenções psicoterápicas frente a estes casos”.

As buscas pelos artigos foram nas seguintes bases de dados da área da saúde, acessadas via portal da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), LILACS (Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde), além de sites como a SCIELO (Scientific Electronic Library Online). As pesquisas iniciais foram feitas no *Google Scholar*, que facilita nas dúvidas em relação ao tema e o problema de pesquisa.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 CONTEXTO GERAL DE VIOLÊNCIA

O termo violência, vem do latim “violêntia”, que significa o ato de violar o outro ou a si mesmo com algum tipo de comportamento de uma forma não natural. No sentido material, este termo parece neutro, mas, quem estuda sobre os eventos violentos, descobre que eles se referem aos conflitos de autoridade, a luta pelo poder e o controle de algumas situações e, suas manifestações são vistas como aprovadas ou desaprovadas pelas normas impostas pela sociedade (MINAYO, 2006).

O conceito de violência tem vários sentidos e elementos dentro das produções teóricas, além de várias maneiras de solução ou eliminação, porém, este ato é tão numeroso que é difícil resolver de modo satisfatório. A violência pode acontecer de forma artificial ou natural, tendo cada uma a sua maneira, a primeira forma, é inerente ao ser humano, ou seja, é o necessário que cada indivíduo a tenha, para fins de sobrevivência, já a violência natural é o poder que um exerce sobre o outro (PIAVANI, 2016).

A violência é um ato exclusivo dos seres humanos, devido a sua capacidade de se expressar através de comportamentos e atitudes, o que os diferencia dos animais que se manifestam com modos agressivos, porém, não violentos, ou seja, ele age por instinto e não por deliberar prazer, como no caso do homem que para intensificar o seu vigor de violência utilizam de instrumentos como armas e outros objetos (MODENA, 2016).

O ato de violência pode ocorrer de várias formas e em diferentes contextos, como no ambiente doméstico, no trabalho, na infância, contra a mulher e o idoso, dentre outras. Esses tipos de violência acontecem de maneira direta ou indireta. Direta, quando é praticado fisicamente ou verbalmente, de uma maneira nítida, na qual a vítima tem a consciência de que está sendo agredida. Indireta, quando o agressor não utiliza de força física para praticar o ato, mas age com algum comportamento ameaçador que possa estar intimidando o outro podendo causar danos psicológicos (PALHARES; SCHWARTZ, 2015).

A violência está presente na sociedade desde o período colonial, porém, com o passar do tempo, foi tendo uma mudança de sentido, e, como descrito acima, o

conceito de violência é amplo, por não ter um significado único e, por mudar de acordo com os acontecimentos. Este é o caso de crianças e mulheres, que sempre foram tratadas com violência dentro de casa, mas, só recentemente, começou a ser considerada um problema de conhecimento e reconhecimento público (MODENA, 2016).

Um dos maiores desafios para entender o contexto geral sobre a violência, é o enraizamento social e a falta de preparo da sociedade em lidar com as questões das desigualdades sociais, discriminações, as classes econômicas e culturais, fatores estes que vem contribuindo com o alto índice de ocorrências em diferentes contextos da sociedade. Este ato é uma separação da própria da natureza humana que causa prejuízo no equilíbrio pessoal e pode estar relacionada com a cultura e o contexto em que o indivíduo está inserido (PIAVANI, 2016).

Este ato acontece em vários ambientes e em diferentes fases da vida dos seres humanos, sendo que, em muitos casos, inicia-se precocemente, o que caracteriza a violência contra criança, como qualquer tipo de negligência seja física ou psicológica, por exemplo: trabalho infantil, exploração sexual ou qualquer outro ato que a coloque em situação de risco ou vulnerabilidade. No âmbito infantil, essas situações se traduzem em um processo de estresse em relação ao crescimento normal da criança (NUNES; SALES, 2015).

A organização das nações unidas (ONU), vê a violência infantil como um ato que prejudica a criança em suas características de desenvolvimento próprio, e que deve ser tratado como um sujeito legítimo e indispensável, bem como, as demandas devem ser vistas como prioridade pela sociedade, família e o estado. É no processo de desenvolvimento infantil, que são construídos fatores essenciais para sua formação, mais tarde, como adulto, por isso, a importância de proteger este indivíduo contra qualquer tipo de violência, para que isso não venha ser um problema futuro (MORECHI, 2018).

4.2 ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), do ano de 1990, foi sancionado pela Lei de nº 8.069, de 13/07/1990, inspirada nas diretrizes da Constituição de 1988, tem como principal objetivo garantir a cidadania de crianças e adolescentes,

trabalhando com funções legais, envolvendo vários profissionais, tendo como prioridade, a saúde e o bem-estar das crianças e dos adolescentes, protegendo-as de violências, negligências, exploração, crueldade e opressão.

O Artigo.3 da lei garante que toda criança e ao adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (ECA, 1990).

Este é um dos parágrafos da lei, que assegura os direitos da criança e do adolescente e garante sua proteção perante a sociedade, assegurando e protegendo todo o desenvolvimento da criança e do adolescente. O ECA tem como propósito levar para os mesmos a segurança, a dignidade e a preparação da transição da adolescência para fase adulta, facilitando assim o seu bom desenvolvimento e convívio com a sociedade, permitindo aos mesmos que tomem nota dos seus direitos (ECA,1990).

Como se sabe, a criança (idade de até 12 anos incompletos) e o adolescente (idade entre 12 anos completos e 18 anos incompletos), merecem proteção integral pelo simples fato de serem pessoas em estágio peculiar de desenvolvimento físico, psíquico e moral (artigos 2º e 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente e artigo 2º da Lei 13.431/17). Em adição, a criança ou adolescente, vítima ou testemunha de violência, tem direito a pleitear, por meio de seu representante legal, medidas protetivas contra o autor da violência. Tais medidas, consistem, não apenas naquelas listadas no artigo 21 da Lei 13.431/17, mas também no artigo 101 da Lei 8.069/90 e artigos 22, 23 e 24 da Lei 11.340/06, conclusão que se extrai da exigência (artigo 6º, parágrafo único) de interpretação sistemática da Lei 13.431/17 com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Após a criação desta lei, a sociedade começou a apresentar mais consciência sobre o problema que é o abuso sexual infantil contra a criança. O reflexo disso é o maior número de denúncias recebidas pelo Disque 100, uma das principais ferramentas que permite o contato da população, vítima e/ou denunciante, junto com os serviços de rede que atende as vítimas desta violência.

4.3 O ABUSO SEXUAL INFANTIL

De acordo com o departamento de saúde (2003), o abuso sexual tem a seguinte conceituação:

Forçar ou iniciar uma criança ou adolescente a tomar partes em atividades sexuais, estejam ou não cientes do que está acontecendo. As atividades podem envolver contatos físicos, incluindo atos penetrantes (exemplo: estupro ou sadomia) e atos não penetrantes podem incluir atividades sem contatos, como levar a criança a olhar ou produzir material pornográfico ou assistir atividades sexuais ou encorajá-la a comportar-se de maneira sexualmente inapropriada (SANDERSON, 2008, p. 05).

O abuso sexual se constitui a partir do momento em que uma pessoa maior ou mais velha, em que haja diferença na idade e no comportamento, se envolve com a criança, incitando-a ao ato sexual, ou a prática de comportamentos inadequados para a idade da criança ou jovem. Esta violência é algo que vem crescendo cada dia mais e, está sendo considerado, um problema de saúde pública, devido aos números de casos que são registrados todos os dias (HABIGZANG, et al., 2004). Esta violência pode afetar a vida das crianças de diferentes formas, as vezes não apresentam de início, porém podem vir a desenvolver problemas emocionais e sociais ou até mesmo psicológicos que surtirão os efeitos na fase adulta.

O abuso sexual pode ocorrer através de toques de pessoas, de ambos os sexos, em que não há o consentimento e entendimento por parte da criança, que entende a situação como um ato de carinho, pois, a mesma, não sabe discernir que está sendo violentada. Neste caso, quando a criança é bem pequena ou quando acontece com crianças maiores, o ato pode até causar estranhamento, mas ela permite a situação por diversos fatores como: medo, culpa, ou até mesmo por ameaça (HUH, 2011).

Esta violência é algo que vem acontecendo há muito tempo e, não se restringe a classes ou tipo de pessoas, vem ocorrendo para os dois lados, ou seja, o abuso sexual acontece tanto com mulheres quanto com homens, porém, a incidência é maior no público feminino. Isso demonstra que os agressores não se limitam há um público alvo e sim a uma criança vulnerável (MILLER, 2008).

A infância é a fase em que a criança está no processo do desenvolvimento de sua personalidade e, quando a mesma sofre a violência sexual, ela pode reproduzir

os sintomas da agressão em forma de comportamento, que não seja típico dentro da rotina dela. Segundo a literatura, os sinais que a criança pode apresentar são múltiplos e varia de uma vítima para outra, porém, os mais frequentes no caso do Abuso Sexual Infantil são: mudanças comportamentais como a regressão de comportamento, proximidade repentina e excessiva de uma pessoa adulta, alteração nos hábitos, interesse por questões de sexualidade em forma de brincadeiras ou desenhos, dentre outros, que demandam também o tempo de duração em que a violência acontece (SANDERSON, 2005).

O abuso sexual na infância pode ter complicações de curto prazo, porém, as consequências podem se estender a longo prazo. Dentre estas consequências, a criança abusada pode desenvolver: traumas emocionais e psicológicos, além de desenvolver transtornos como: depressão, transtorno de estresse pós-traumático, fobias, ansiedade, abuso de drogas ilícitas e tentativas de suicídio. Por se tratar de uma fase de formação subjetiva e da autoestima, as implicações que esta agressão causa na sociabilidade e na vida dos mesmos, são devastadoras (CERQUEIRA; COELHO, 2014).

O processo de fazer a notificação e denúncia do abuso, é a parte em que exige da criança a quebra do sigilo, porém, esta fase é muito delicada, porque, às vezes, a criança ainda pode estar em situação de vulnerabilidade. Após o rompimento do sigilo, é preciso que a criança seja assistida corretamente e que seja garantindo a proteção da mesma, oficializando a denúncia nos centros de apoio e proteção a família ou nas instituições de rede, que contam com o apoio de uma equipe multiprofissional, preparados para atender as vítimas desta e de outras violências (SANTOS; DELL'AGLIO, 2010; SILVA, 2016).

Após o processo da denúncia, é importante que seja trabalhado com a mesma todo o acontecimento, para que amenizem as consequências negativas que a violência sexual pode trazer futuramente. É importante ressaltar que, em alguns casos, as famílias não fazem a denúncia e a criança não trabalha o acontecimento durante o período do desenvolvimento, podendo ser um dos fatores que trazem sentimentos e vivências negativas para a vida destas vítimas na fase adulta (SILVA; VAGOSTELLO, 2017).

A fim de atender a criança de forma mais cuidadosa e sem aumentar o sofrimento, criou-se a sala de depoimento especial. No início, era chamado de

depoimento sem danos, mas, recentemente foi atualizado, pois, segundo os profissionais da Psicologia e do Direito que trabalham com esta ferramenta, para a vítima estar ali prestando seu depoimento é porque ela já sofreu um dano, então optaram por chamar de depoimento especial. Este método é usado para colher as informações da vítima, objetivando que a criança não precise falar várias vezes a mesma coisa para todos os profissionais. Na primeira entrevista, eles gravam o que a vítima falou, para, posteriormente, ser realizada a análise por cada profissional que estiver trabalhando no caso, e assim, minimizando a dor da criança (PELISOLI et al., 2014).

Segundo Pelisoli et al. (2014), antes do depoimento especial, haviam casos em que a vítima relatava o ocorrido aos profissionais, porém, a dor e a vergonha de ficar se expondo várias vezes e repetindo a mesma coisa fazia com que a mesma retirasse a queixa, dizendo que inventou tudo, mas, na verdade, essa vítima só queria se livrar de tantas perguntas e ter que ficar repetindo algo doloroso para ela. Essa repetição se torna mais incomoda do que permanecer em silêncio e não se expor de tal maneira.

4.4 DADOS SOBRE O ABUSO SEXUAL

De acordo com estudos realizados pelo laboratório de pesquisa da criança (LACRI), do Instituto de Psicologia da Pesquisa em São Paulo, entre os anos de 1990 a 2007, em 15 estados do Brasil, os dados notificados sobre violência sexual infantil e na adolescência ficou em quarto lugar, sendo considerado como o tipo de violência doméstica mais comum (ARANTES, 2009).

Em uma pesquisa, Flores e Caminha (1994) apontam, que os números de casos de abuso sexual infantil tiveram um grande crescimento nos últimos anos e que 7,4% das meninas e 3,3% dos meninos já sofreram algum tipo de abuso sexual. Porém, houve o aumento também no número de relatos e denúncias, devido os trabalhos de conscientização feitos na área de proteção à criança e ao adolescente (MOUMRA; KOLLER, 2008).

O abuso sexual infantil pode acontecer em crianças de todas as idades e está cada dia mais comum ver notícias de crianças, cada vez mais novas, sofrendo esse tipo de violência. Segundo Sanderson (2005), não é fácil definir quem são as vítimas de abuso, pois, como já foi citado, a maioria dos casos é encoberto, mas estima-se

que 73% das crianças são do sexo feminino e que apenas 23% são do sexo masculinos, mas é muito arriscado colocar essa conta como exata devido os abusos que acontecem, porém, não são notificados.

A prevalência do abuso sexual é um dado desconhecido, pois, muitas vezes, o caso não é notificado na infância, algumas vítimas só falam sobre o abuso quando chegam a fase adulta, o que pode agravar a situação, por que, na maioria das vezes, o agressor é próximo da vítima ou até mesmo da família, como pai ou padrasto, que conseguem sair livres das desconfianças por demonstrar um papel de protetor (SERAFIM, 2011).

Dados do Ministério da Saúde apontam que, o Abuso Sexual Infantil-ASI teve um aumento de 83% entre os anos de 2011 a 2017. Aumento este bem significativo, que apontam que 50% dos casos registrados sobre o ASI, ocorrem dentro de casa por alguma parte de algum familiar da vítima e, os outros 33% são praticados por estranhos ou pessoas próximas da família da criança. De acordo com estes dados, vale ressaltar que, é considerado pelo Ministério da Saúde todo e qualquer ato que envolva a criança em situação de assédio, pornografia infantil, estupro e exploração sexual (FERREIRA, 2009).

Com base nos dados citado acima conclui-se que, o abuso sexual traz para a vida das pessoas danos e repercussões, ressaltando que, os profissionais precisam tomar todo cuidado e atenção para não fazer com que esta vitima venha sofrer ainda mais. Estes, devem sempre estar amparados nas teorias para fazer na prática um serviço de qualidade, auxiliando e amparando qualquer pessoa vitima desta e de outras violências.

4.5 SEXUALIDADE DAS MULHERES VÍTIMAS DE ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

O conceito de sexualidade, ainda que marque fortemente o papel do sexo na vida dos seres humanos, é a forma como os indivíduos expressam a sua identidade sexual, o que não deve ser desmerecida, mas respeitada, tanto no caso dos homens, quanto das mulheres. As diferenças entre ambos se fundam nas noções de desigualdade, colocando as mulheres como vulneráveis a força da razão masculina, devido toda a história cultural de que a mulher era vista como aquela que tinha que dar ao homem o devido prazer na hora do ato sexual, porém, este é um tabu que vem

se desconstruindo, devido a força da natureza entender que, ambos tem o direito de sentir e realizar seus desejos sob sua sexualidade (TRINDADE, 2015).

A satisfação sexual está relacionada com o bem-estar físico, emocional e mental, dentro das questões da sexualidade, podendo ser um fator muito importante na qualidade das relações amorosa, íntimas e conjugais. A experiência do abuso sexual é um fator que pode comprometer todo o funcionamento sexual das vítimas que sofreram a violência sexual na infância (MARTINEZ, 2007).

Um fator importante que contribui no comportamento das vítimas do ASI, é o aspecto cognitivo e o emocional, que desenvolve um papel relevante em relação a experiência sexual da vítima. Ademais, a vítima pode associar o ato sexual com a emoção e memória negativa, de maneira que chega a generalizar as experiências sexuais, mesmo que não esteja mais passando por atos abusivos (HABIGZANG, 2016).

O número de incidência de casos negativos em relação ao ASI, atribuem sempre para os significados negativos em relação ao ato na vida das vítimas, mesmo em casos que, aparentemente, a mulher não apresenta problema sobre a satisfação. Isso pode acontecer através de um processo inconsciente, no qual, a vítima pode ter comportamentos exagerados em relação ao ato sexual, como se envolver em relacionamentos que o pratiquem de uma forma violenta, uma vez que, a mesma, sente esta necessidade para se satisfazer (KRINDGEV, et al., 2016).

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) o abuso sexual é um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos relacionados a disfunção sexual, para ser diagnosticado como um transtorno é preciso que a vítima preencha todos os critérios diagnósticos, porém a prevalência de déficit neste âmbito sexual pode ser considerada elevada. Estes esquemas na disfunção sexual fazem com que pensamentos negativos sejam acionados, ativando pensamentos automáticos a respeito de estímulos de natureza sexual.

Dentre estas disfunções sexuais, apresentadas pelo DSM-V, podem estar relacionadas com os transtornos de estresse pós-traumático, sobre forma de lembranças da experiência negativa vivida. Dentre estas experiências podem acontecer o processo de despersonalização, amnésia e desrealização, de forma que, são sintomas que podem aproximar a vítima de preencher os critérios para ser

diagnosticado como um transtorno de estresse pós-traumático ou até mesmo agudo, dependendo da gravidade dos casos (CASTELLINI et al., 2013; HALL, 2007).

As consequências sobre o abuso sexual infantil, descritas nos estudos, acontecem a curto e longo prazo e em diversas instâncias, como segue demonstrado no quadro abaixo, que apresenta os resultados de um estudo feito por Echeburúa e Corral (2006).

Quadro 1 -Sequelas psicológicas em mulheres adultas vítimas de abuso sexual na infância

Tipos de Sequelas	Sintomas
Físicos	<ul style="list-style-type: none"> -Dores crônicas gerais -Hipocondria e transtornos de somatização -Alterações no sono -Problemas gastro intestinais -Transtornos alimentares, especialmente Bulimia
Comportamental	<ul style="list-style-type: none"> -Tentativas de suicídio -Consumos de drogas ou álcool -Transtornos dissociativo de personalidade (múltipla personalidade)
Emocional	<ul style="list-style-type: none"> -Depressão -Ansiedade -Baixa autoestima -Estresse pós-traumático -Transtorno de personalidade -Desconfiança e medo dos homens -Dificuldade para se expressar e receber sentimento de ternura e intimidade

Sexual	<ul style="list-style-type: none"> -Fobia ou aversão sexual -Falta de satisfação sexual -Alteração na motivação sexual -Transtorno de ativação sexual e de orgasmo -Crença de ser valorizado pelos demais apenas dos mesmos sexos
Social	<ul style="list-style-type: none"> -Problemas de relacionamentos interpessoais -Isolamento -Dificuldade na educação dos filhos

Fonte: ECHEBURÚA e CORRAL, (2006). (Tradução nossa)

Segundo os autores do estudo, estes sintomas e consequências, variam de acordo com cada vítima, visto que, nem todas as mulheres reagem da mesma forma às experiências da vitimização, e nem todas compartilham das mesmas características. Cada vítima tem o seu perfil individual e que, referente ao abuso sexual, é moldado de acordo com alguns fatores como: idade, sexo, contexto e característica do ato abusivo como a frequência e a gravidade, fatos estes que implicam no impacto emocional da vítima, ou seja, a maneira que cada uma reage está relacionada com a sua subjetividade (ECHEBURÚA, CORRAL, 2006).

Um dos fatores que implicam nas questões sobre a sexualidade é o processo de vitimização na infância, fato este que afeta negativamente o estabelecimento e a manutenção das relações sexuais saudáveis da vítima na vida adulta. Estes fatos acontecem a partir de um padrão de desconfiança, vinculado a evitação e ansiedade, e, estas consequências podem se tornar difícil no estabelecimento da confiança, aumentando os riscos de envolvimento em relações que levem a mesma a ter sentimentos de vergonha e auto culpabilização, fatos estes que levam a vítima a ter conflito com parceiros íntimos e familiares (KRINDGES et al; 2016).

Os problemas relacionados a sexualidade que se vinculam ao abuso sexual na infância, se intensificam ao longo da vida das vítimas, por isso se dá a necessidade de uma intervenção psicológica para amenizar as consequências existentes e agir de uma maneira preventiva evitando mais complicações futuras. Neste contexto, o psicólogo auxilia com intervenções que compreende os comportamentos sexuais,

auxiliando e incentivando a vítima a se envolver intimamente, de uma forma responsável, satisfatória e segura, de modo que ela se sinta confortável (HABIGZANG,2016).

5 CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA COM AS MULHERES ADULTAS VÍTIMAS DO ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA

A realidade em que pode ocorrer o abuso é consideravelmente ampla, no entanto, o que chama atenção é a quantidade absurda de abusos infantis ocorridos no contexto familiar, em que o abusador mantém contato direto e contínuo com a vítima. É pelo fato de ser praticado nesse contexto, que o número de denúncias se torna bastante reduzido, seja por sentimentos de medo, insegurança ou pelo próprio desconhecimento do que venha a configurar um abuso como crime (SÁ, et al. 2016).

Quando não é tomada nenhuma medida cabível para tratar o trauma, ainda quando criança, a mulher ao se tornar adulta pode continuar a carregar as mesmas características negativas que foram desenvolvendo no decorrer do abuso, no entanto, com uma proporção ainda maior, visto que, com o passar dos tempos, os sentimentos e pensamentos negativos podem ter adquirido ênfase e se tornado pontos de referência na maneira como interpretar a si mesma e os demais a sua volta (SILVA; VAGOSTELLO 2017).

Em relação as contribuições da Psicologia dentre as abordagens utilizadas para atenderem essas mulheres, a Terapia Cognitivo Comportamental e a Psicanálise são vistas como as mais utilizadas, uma vez que ambas atuam nas consequências de curto e longo prazo causadas pelo abuso e, neste sentido, restabelecendo a saúde psicológica e física da paciente. Tratando-se da TCC, o objetivo principal nesses casos é auxiliar a cliente a ressignificar o evento traumático, para que essas vítimas possam retomar as funções e atividades rotineiras que após o abuso podem ter se tornado obstáculos em suas vidas (SÁ, et al. 2016).

A Psicanálise busca a recuperação das memórias reprimidas, auxiliando a paciente nos pensamentos inconscientes que estejam relacionados com o evento traumático experienciado pela vítima, para que ela possa entender as influências que os traumas do abuso causam em sua vida, e assim, ao longo do tratamento, ir trabalhando as questões reprimidas pelo inconsciente. Desta maneira, os

atendimentos realizados com as mulheres podem ser tanto de caráter breve e focal, como é o caso da Terapia Cognitivo-Comportamental, quanto as de longa duração como é o caso da Psicanálise, as quais se mostram eficazes no tratamento das queixas apresentadas por tais vítimas (SILVA; VAGOSTELLO 2017).

É importante que os profissionais da psicologia sejam capacitados para melhor identificar nas vítimas desta violência fatores que vão além do que as mesmas trazem em terapia. Ou seja, a queixa principal nem sempre é o que as vítimas trazem para a terapia as vezes chegam ao setting trazendo as dificuldades de relacionamentos interpessoais ou até mesmo sintomas de transtornos de estresse pós traumáticos, como a depressão, ansiedade, e outros, e com isso cabe ao psicólogo buscar identificar o que pode estar influenciando estes fatos na vida paciente (SÁ, et al. 2016)

Em um estudo feito com psicólogas que fizeram atendimento em mulheres vítimas de ASI trouxe que é importante trabalhar com as vítimas técnicas que levam as mesmas a pensarem sobre como estes fatores influenciam em vários contextos de sua vida. Ou seja, é importante que as mulheres consigam fazer uma reestruturação cognitiva que visa promover melhoras nas crenças disfuncionais que foi desenvolvida após a violência e que seja substituídas em crenças pautadas na superação dos traumas em favor da valorização da autoimagem e autoestima que a maioria das vítimas perdem ao sofrer a violência, e vale ressaltar que isto é trabalhado de acordo com abordagem de cada profissional (SILVA; VAGOSTELLO 2017).

6 DISCUSSÃO

Durante as pesquisas, as quais foram apresentadas no tópico revisão de literatura, colheram-se dados científicos sobre a forma que o abuso sexual na infância se relaciona com a sexualidade da mulher na fase adulta, os quais serão apresentados a seguir.

Sobre a sexualidade Martinez (2007) descreve que a sexualidade está relacionada com as questões da satisfação sexual, que envolve o bem-estar físico, emocional, e psicológico, fatores que tem grande influências nas relações íntimas de cada indivíduo. Nesta linha de pensamento com um conceito mais recente Krindges, et al. (2016) traz que é a forma como o indivíduo expressa sua identidade sexual, e neste sentido envolve fantasias, desejo, e realização com si mesmo em relação a descoberta do prazer de acordo com a realidade e as experiências vividas por cada pessoa.

Com a colocação dos autores, pode-se compreender que ambos se complementam quando descrevem que a sexualidade é um processo no qual cada indivíduo expressa a sua identidade sexual, envolvendo características únicas em sua subjetividade, mas, que se constroem em diversas instâncias, nas quais se desenvolvem as questões sexuais de cada indivíduo.

No estudo realizado por Niehaus et al. (2010), que buscou analisar o construto do esquema sexual para entender as representações cognitivas da sexualidade, que poderiam impor sobre os padrões comportamentais das mulheres, realizado com 774 amostras, sendo divididas em vítimas e não vítimas de abuso sexual na infância, que teve como objetivo saber sobre a vida sexual das mesmas, evidenciou-se que o grupo de mulheres vítimas de ASI, possuem um aumento de desinteresse sexual em comparação com as não vítimas que tendem a ter menos constrangimento em relação ao ato sexual.

Em um outro estudo quase experimental de Rellini e Meston (2011), realizado com 34 mulheres que tinham o histórico de abuso sexual infantil, e outras 24 sem histórico, o qual buscava identificar como as respostas sexuais afetavam o cognitivo das vítimas do ASI, seja do modo implícito ou explícito, constatou em seus resultados as evidências nos grupos de processamentos cognitivos e estímulos sexuais. As mulheres sem o histórico mostravam que a imagem sexual estava fortemente

relacionada a vivências positivas e prazer, no entanto, as mulheres com o histórico constataram que as imagens neutras se relacionavam mais com o ato de prazer, já as imagens românticas e fortes, que se remetiam ao ato sexual, estava mais fortemente relacionada com vivências negativas em relação ao prazer.

Nestes estudos os resultados se relacionam, pois ambos, mesmos utilizando de métodos diferentes para analisar a coleta dos dados, chegaram à conclusão de

que as mulheres com histórico de abuso sexual na infância se remetem ao ato como uma experiência negativa, enquanto a outra parte da amostra apresentam aspectos positivos em relação as questões sexuais.

Em função da experiência traumática causada pela violência sexual, um estudo de Moyano e Sierra (2014), que teve como objetivo buscar a satisfação sexual em homens e mulheres com idade entre 18 e 50 anos, constatou-se, especificamente nas mulheres, que em alguns casos, a vítima pode ter aversão ou até mesmo evitar o ato sexual, porém, isso não é igual para todos, não sendo uma regra que acontece no comportamento de todas as mulheres.

Neste sentido, o autor ressalta que as mulheres com o histórico de Abuso Sexual na Infância ou até mesmo em outra fase da vida, são propensas a não sentir prazer pelo sexo, sentir dificuldade de lubrificação, e, até mesmo, de atingir o orgasmo, conseguindo apenas, ter o orgasmo forçado. Porém, pode acontecer também o processo ao inverso, nos quais existem casos em que a vítima pode ter ausência de todos estes sintomas em relação a satisfação sexual.

Krindge et al, (2016) descreve que, a resposta da vítima em relação ao ato sexual, se dá pela forma em que o abuso aconteceu, como nos casos em que teve penetrações, existe um desejo sexual bem didático e erótico, porém, a satisfação sexual é menor neste caso, ainda que exista uma probabilidade de aumento da excitação. Já em situações em que ocorreu somente um episódio do abuso sexual, há baixa probabilidade de o funcionamento sexual ser prejudicado gravemente na vida adulta, porém, isso será determinado pela forma que se deu a violência.

Na colocação acima, o autor descreve a satisfação sexual da mulher como algo que depende da maneira em que a vítima experienciou a violência, ou seja, nos casos em que o abuso ocorreu por um período extenso e de uma maneira mais profunda, tende a se manifestar com comportamento e desejos sexuais, porém, a dificuldade

está em atingir a satisfação deste ato.

Em um estudo de Sant'Anna e Baima (2008), sobre a intervenção psicológica em mulheres que sofreram abuso sexual na infância e na adolescência, realizado através de uma análise documental em uma clínica escola, sobre uma amostra inicial que analisou 90 prontuários de atendimento de mulheres na faixa etária de 20 a 40 anos, as quais foram atendidas com a psicoterapia breve sobre orientação psicanalítica, analítica ou fenomenológica, trouxe em seus resultados que 44,5% dos casos da amostra o abuso sexual ocorreu entre 5 a 10 anos e 33,3 % ocorreu na primeira fase da adolescência.

Ainda segundo o estudo, a primeira fase dos abusos ocorreu em período inicial da estruturação da personalidade e de inserção no meio social, o que aumenta a possibilidade dos distúrbios psíquicos estruturais com efeitos nocivos na fase adulta. Já, a segunda fase, ocorreu em período de desenvolvimento sobre a sexualidade, no qual se acelera a identidade nas possibilidades na esfera sexual identitária. Neste sentido, é bem significativo que durante o processo psicoterápico, algumas vítimas neguem ou não prestem as devidas informações exatas sobre os períodos do abuso e os abusadores, fato que dificulta o andamento do atendimento psicológico (SANT'ANNA; BAIMA, 2008).

Neste estudo, os autores destacam que, a maneira em que aconteceu o abuso interfere muito durante o processo de atendimento psicológico, pois a vítima vai desencadeando alguns sentimentos que dificultam a mesma a trazer todas as questões para o atendimento psicoterápico, a culpa, o medo e a vergonha de se expor. Neste sentido, partindo dos dados sobre as consequências causadas pelo abuso sexual, evidencia-se a importância das intervenções do trabalho do psicólogo sobre os fatores presentes no comportamento das vítimas, desencadeados do abuso sexual na infância.

É sabido que existem várias teorias e abordagens dentro da Psicologia, e que um psicólogo pode atuar com a vítima dessa violência intervindo e delimitando, juntamente com ela, os objetivos específicos de seu caso, proporcionando o tratamento de seus conflitos. Os métodos a serem utilizados, poderão ser aplicados no intuito de que os conflitos elaborados sobre si e o mundo a sua volta possam ser modificados, visto que tais distorções, causadas durante o processo de transição de uma fase para outra, podem contribuir no desenvolvimento de transtornos

psicológicos graves. Nos estudos analisados, notou-se, que as técnicas mais utilizadas no tratamento psicológico das vítimas de abuso foram a Terapia Cognitivo-Comportamental e a Psicanálise, por demonstrarem possuir contribuições positivas no manejo da violência sexual, apresentando intervenções eficazes no tratamento de curto e longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o abuso sexual ocorrido na infância é um ato que traz desfechos negativos para a vida da mulher durante a fase adulta é importante trazer novos estudos que falem sobre as consequências oriundas desta violência. Justamente por se tratar de um tema cujo um dos objetivos é correlacionar o quanto destes danos se relacionam com a sexualidade das mulheres em diferentes instâncias seja: física, comportamental, social, biológica, emocional e/ou sexual.

Ao pesquisar sobre o tema, uma das grandes dificuldades foi encontrar materiais que correlacionam a problemática proposta no trabalho, e devido esta escassez, optou-se por fazer as buscas nos idiomas, inglês, espanhol e português, sem delimitação de tempo, desde que trouxessem dados científicos que se enquadrassem dentro dos critérios de inclusão desta pesquisa.

Neste sentido, é importante ressaltar que as discussões sobre este tema podem auxiliar em novos estudos, trazendo informações científicas que demonstrem o quanto é importante correlacionar as consequências do abuso sexual na infância com os comportamentos referentes a sexualidade, para que, cada vez mais, este tema ganhe discussões em campanhas de políticas públicas que, mesmo sendo de prevenção, conseguem mostrar para as vítimas que nunca é tarde para buscar por um tratamento psicológico que os ajudem a compreender os conflitos internos oriundos da violência sexual ocorrida na infância.

O abuso sexual ocorrido na infância se caracteriza como um fenômeno capaz de gerar inúmeras consequências para a vida da vítima na fase adulta, uma vez que causa danos tanto físicos, quanto os psicológicos. A relação do abuso sexual infantil com a sexualidade se dá pelas questões dos traumas deixados pelo ato da violência e que, na maioria dos casos, tem repercussões negativas em relação ao ato sexual, devido ser fortemente relacionado com tudo o que a vítima passou na infância.

Desta forma, considera-se que a problemática deste estudo foi respondida e os objetivos alcançados, uma vez que através desta Revisão de Literatura pôde-se observar que o abuso sexual ocorrido na infância se relaciona com a sexualidade das mulheres adultas, exercendo influências no comportamento em relação ao ato sexual e as experiências vivenciadas pelas vítimas.

No entanto, é importante salientar a necessidade de pesquisas futuras sobre

esta temática de forma mais abrangente e que conscientize as mulheres que foram vítimas e refém dos sentimentos oriundos da violência sexual a buscar tratamento para resolver os conflitos e suas angústias, pois é sabido que nem todos os casos de violência sexual na infância são notificados, e sendo assim não são tratados, fato este que deve ser dado mais atenção pelos programas de políticas públicas para que assim as mulheres busquem por resolver as questões que impliquem em suas relações.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Mariana de Silvério. **Afetividade que abalam e embalam a relação entre mãe e filha vítimas de abuso sexual**. Dissertação (Mestrado). Brasília, 2009. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8190?mode=full>> Acesso em: 27 jun. 2018.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.turminha.mpf.mp.br/direitos-das-criancas/18-de-maio/copy_of_a-lei-garante-a-proteção-contra-o-abuso-e-a-exploração-sexual>. Acesso em: 21 de mar. 2018

CAMPOS, Luis Fernando de Lara. **Métodos e Técnicas de pesquisa em psicologia**. Campinas, SP: ALÍNEA, 2008. 4 ed. 154 p.

CARVALHO, Margaret Olinda de Souza et al. **Abuso sexual na infância e suas repercussões na vida adulta**. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n3/0104-0707-tce-26-03-e0080016.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018

CASTELLINI, G.; LO SAURO, C.; LELLI, L.; GODINI, L.; VIGNOZZI, L.; RELLINI, A.H.; RICCA, V. 2013. **Childhood Sexual Abuse Moderates the Relationship Between Sexual Functioning and Eating Disorder Psychopathology in Anorexia Nervosa and Bulimia Nervosa: A 1-Year Follow-Up Study: Sexual Abuse, Eating Disorders Psychopathology, and Sexual Dysfunctions**. *The Journal of Sexual Medicine*, **10**(9):2190-2200.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde, 2014. Disponível em: Acesso em 15 de mar. de 2019. FERREIRA, Richelly. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. BRASÍLIA, 2009. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/Consolidacao_Suas.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019

HABIGZANG, Luísa F. et al. **Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos** 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000300011>. Acesso em: 30 mar. 2018.

HABIGZANG, Luísa Fernanda *et al.* **Avaliação Psicológica em Casos de Abuso Sexual na Infância e Adolescência**. Rio Grande do Sul, p. 06/07, 27 abr. 2008.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v21pdf>> Acesso em: 3 maio 2019

HUH, Diana Myung Jin; CAVALINI, Santuza Fernandes Silveira. **Conseqüências do abuso sexual infantil no processo de desenvolvimento da criança:** contribuições da teoria psicanalítica. VII Jornada de Iniciação Científica – 2011. Disponível em:<http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pesquisa/pibic/publicacoes/2011/pdf/psi/diana_myung.pdf>. Acesso dia: 24 junh. 2018.

KRINDGES, Cris Aline; MACEDO, Davi Manzini Macedo; HABIGZANG, Luísa Fernanda. **Abuso sexual na infância e suas repercussões na satisfação sexual na idade adulta de mulheres vítimas,** Rio grande do Sul, p. 01-10, 5 jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100006>. Acesso em: 5 maio 2019.

MARTÍNEZ, V.T.P. 2007. **Sexualidad humana:** Una mirada desde el adulto mayor. Disponível em:< http://www.bvs.sld.cu/revistas/mgi/vol24_1_08/mgi10108.htm> Acesso em: 18, Abril, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência e saúde. **Violência e saúde,** Rio de janeiro, 2006. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y9sxc/pdf/minayo-9788575413807.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2019.

MORESCHI, Marcia Teresinha. **Violência contra Crianças e Adolescentes:** Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. BRASILIA, 2018. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/conada/violencia-contracrianças-e-adolescentes-analise-de-cenários-e-propostas-de-políticas-publicas.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

MOURA, Andreia da Silva Moura; KOLLER, Sílvia Helena. **A criança na visão de homens acusados de abuso sexual:** um estudo sobre distorções cognitivas, Rio Grande do Sul, p. 01-10, 1 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v13n1/v13n1a11.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2019.

MOYANO, N.; SIERRA, J.C. 2014. **Funcionamiento sexual en hombres y mujeres víctimas de abuso sexual en la infância y en La adolescencia/adulthood.** Revista Internacional de Andrología, 12(4):1-7. Disponível :< <http://dx.doi.org/10.1016/j.androl>> Acesso em: 20, abril. 2019.

NIEHAUS, A.F.; JACKSON, J.; DAVIES, S. 2010. **Sexual self-schemas of female child sexual abuse survivors:** Relationships with risky sexual behavior and sexual Assault in adolescence. Archives of Sexual Behavior, Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1007/s10508-010-9600-9>> Acesso em: 22, Abril. 2019.

NUNES, Antônio Jakeulmo; SALES, Magda Coeli Vitorino. **Violência contra crianças no cenário brasileiro**. Violência contra crianças no cenário brasileiro, Teresina PI, 24 mar. 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n3/1413-8123-csc-21-03-0871.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2019.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; CHWARTZ, Gisele Maria. **A violência**, são Paulo, 2015. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8zmf/pdf/palhares-9788579837425-02.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2019.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. *In*: MODENA, Maura Regina. **Conceitos e formas de violência**. Caxias do sul: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.uces.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf> Acesso em: 24 mar. 2019.

PELISOLII; Cátula; DOBKELI; Veleda; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Depoimento especial**: para além do embate pela proteção das crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000100003>. Acesso em: 27 jun. 2018.

PEREIRA, Mauricio Gomes; GALVÃO, Taís Freire. **Revisões sistemáticas da literatura**: passos para sua elaboração Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742014000100018>. Acesso em: 22 mar. 2018.

ROMANOWSKI, J. P; VOSGERAU, D. S. R. **ESTUDOS DE REVISÃO**: implicações conceituais e metodológicas, 2014

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Revisão sistemática X revisão narrativa**, São Paulo, p. 1/2, 5 jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v20n2/en_a01v20n2.pdf> Acesso em: 10 mar. 2019.

SÁ, C. M. Q.; LIMA, E. I. S.; RAMOS, F. M. C.; SILVA, F. E. B.; OLIVEIRA, L. L.; **Abuso sexual infantil e suas consequências na vida adulta da mulher**: uma abordagem reflexiva. v. 2 n. 1 Ceará, 2016 Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/1099>> Acesso em: 22 set. 2018

SANDERSON, Christiane. **Abuso sexual em crianças**: fortalecendo Pais e Professores para Proteger Crianças Contra Abusos Sexuais e Pedofilia. 1. ed. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda. 2005. 345 p. v. 1. 2019.

SANT? ANNA, Paulo Afrânio; BAIMA, Ana Paula da Silva. **Indicadores Clínicos em Psicoterapia com Mulheres Vítimas de Abuso Sexual.** Indicadores Clínicos em Psicoterapia com Mulheres Vítimas de Abuso Sexual, [S. l.], p. 01-15, 17 ago. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000400006> Acesso em: 5 maio 2019.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Debora Dalbosco. **“Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil”.** Psicologia & Sociedade; 22 (2): 328-335, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-71822010000200013&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 15 de mar. de 2019

SERAFIM, Antônio de Pádua *et al.* **Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.** São Paulo, p. 01-05, 4 fev. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v38n4/a06v38n4.pdf>> Acesso em: 3 abr. 2019.

SILVA, E. P.; VAGOSTELLO, L. **Intervenção psicológica em vítimas de estupro na cidade de São Paulo.** v. 69 n. 3 Rio de Janeiro 2017 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000300013> Acesso em: 22 Set. 2018

SOUZA, Hugo Leonardo De Souza. **Feridas que não se curam: A violência psicológica cometida à mulher pelo companheiro, londrina,** p. 1/9, 24 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/5.HugoLeonardo.pdf>> Acesso em: 10 abr. 2019

SZINICK, Valdir szinick. Os tipos de violência. *In:* SZINICK, Valdir. **Assédio sexual e crime sexual violento.** [S. l.]: Ícone, 2001.

ECHEBURÚA, Enrique; CORRAL, Pedro. **Secuelas emocionales en víctimas de abuso sexual en la infancia.** [S. l.], 2006. Disponível em: <<http://scielo.isciii.es/pdf/cmfn43-44/06.pdf>> Acesso em: 15 maio 2019.

RELLINI, A.H.; MESTON, C.M. 2011. **Sexual Self-Schemas, Sexual Dysfunction, and the Sexual Responses of Women with a History of Childhood Sexual Abuse.** Archives of Sexual Behavior, 40(2):51-362. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s10508-010-9694-0>> Acesso em: 05 maio 2019.

FLORES, R. Z.; CAMINHA, R. M. **Violência sexual contra crianças e adolescentes:** algumas sugestões para facilitar o diagnóstico correto. Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul, Porto Alegre, 1994 v. 16, n. 2, p. 158-167. 2019.

TRINDADE, Z. A., SANTOS, M. F. S., & ALMEIDA, A. M. O. **Ancoragem notas sobre consensos e dissensos.** In A.M.O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z.A. Trindade (Eds.), Teoria das representações sociais 50 anos, p. 101-121. Brasília, DF, 2015: Technopolitik. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000199&pid=S1413-294X201200030001200039&lng=pt > Acesso em: 02 abr. 2019.